

“Eles vão ficando, vão ficando em um ano de escolaridade, vão ficando...”: perspectivas de equipes gestoras sobre a presença de jovens na Educação de Jovens e Adultos de Angra dos Reis

“They stay, they stay, they stay in a year of schooling...”: perspectives of the leadership teams on the presence of young people in the Youth and Adult Education in Angra dos Reis

“Ellos se van quedando, se van quedando, se quedan en un año de escolarización...”: perspectivas de los equipos de liderazgo sobre la presencia de jóvenes en la Educación de Jóvenes y Adultos en Angra dos Reis

Marcelo Laranjeira Duarte
Prefeitura Municipal de Angra dos Reis
educador.marxista@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-3011-9637>

Sandra Regina Sales
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
sandrasales@ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-5691-0255>

RESUMO

A pesquisa aborda a interseção entre juventudes e escola, tendo como foco a presença de jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede pública municipal de ensino de Angra dos Reis. O estudo investiga processos, dinâmicas e elementos presentes no sistema educacional, que geram e/ou contribuem para a presença crescente de jovens nas turmas de EJA e se articula em torno da seguinte questão: no contexto da rede municipal de ensino angrense, quais mecanismos influenciam ou se relacionam à presença de jovens na EJA? Tendo por base essa problemática, o artigo apresenta e discute o perfil dos jovens da EJA e os olhares de gestores e pedagogos sobre o contexto dos jovens na EJA angrense. Para compreender esse contexto, adotamos procedimentos metodológicos que se fundamentam na abordagem qualitativa, Bogdan e Biklen (1994). Nesse sentido, privilegiamos as perspectivas de gestores e equipe técnico-pedagógica que atuam nas unidades educacionais de EJA da rede municipal, mediante a realização de entrevistas semiestruturadas, bem como análise de documentos e dados produzidos no âmbito da gestão municipal. A pesquisa revelou que fatores como retenção, abandono, infrequência e distorção idade-série, associados à indisciplina dos discentes no chamado ensino regular, potencializado pelas dificuldades e fragilidades das instituições, resultam no que podemos

denominar de “impulso” para a saída desses sujeitos da escola diurna, valendo-se da EJA como alternativa ou “mais uma oportunidade” de prosseguimento nos estudos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Juventudes. Processos de Escolarização.

ABSTRACT

This research focuses on the intersection between youth and school, analyzing the Youth and Adult Education (YAE) program in the City of Angra dos Reis. The study investigates processes, dynamics, and elements present in the educational system, that generate and/or contribute to the growing presence of young people in YAE classes. This project aims to respond following question: which mechanisms influence or are related to the presence of young people in Angra dos Reis' YAE program? Based on this problem the article presents and discusses the profile of young people in YAE and the perspectives of managers and pedagogues about the context of young people in YAE Angrense. We adopted methodological procedures based on Bogdan and Biklen (1994) qualitative approach. We gave priority to the perspectives of principals and pedagogical coordinators working at the YAE educational units in the city. We conducted interviews, as well as analyzed documents and data produced within the scope of municipal management. The research revealed that factors such as weak institutions, problems of retention, abandonment, infrequency, and age-grade distortion, when coupled with the indiscipline of students in traditional “day schools”, result in what we can call an “impulse”. This impulse encourages youth in Angra do Reis to use YAE as an alternative or “another opportunity” to continue with their studies.

Keywords: Youth and Adult Education. Youths. Schooling processes.

RESUMEN

La investigación aborda la intersección entre juventud y escuela, centrándose en la presencia de jóvenes en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en la red de educación pública municipal de Angra dos Reis. El estudio investiga procesos, dinámicas y elementos presentes en el sistema educativo, que generan y/o contribuyen a la creciente presencia de jóvenes en las clases de la EJA y se articula en torno a la siguiente pregunta: en el contexto de la red educativa municipal de Angra, que ¿Influyen estos mecanismos o están relacionados con la presencia de jóvenes en EJA? A partir de este tema, el artículo presenta y discute el perfil de los jóvenes de la EJA y las visiones de directivos y pedagogos sobre el contexto de los jóvenes de la EJA Angrense. Para comprender este contexto, adoptamos procedimientos metodológicos que se basan en el enfoque cualitativo, Bogdan y Biklen (1994). En este sentido, privilegiamos las perspectivas de los directivos y personal técnico-pedagógico que laboran en las unidades educativas EJA de la red municipal, mediante la realización de entrevistas, así como el análisis de documentos y datos producidos en el ámbito de la gestión municipal. La investigación reveló que factores como la retención, el abandono, la infrecuencia y la distorsión por edades, asociados a la indisciplina de los estudiantes de la educación regular, potenciados por las dificultades y debilidades de las instituciones, resultan en lo que podemos llamar un “impulso” para estos sujetos a abandonar la escuela durante el día, utilizando la EJA como una alternativa u “otra oportunidad” para continuar estudiando.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Jóvenes. Procesos de escolarización.

Introdução

A presença de estudantes jovens, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem sido algo frequente ao longo da história da educação no país. Pesquisas de autores como Haddad e Di Pierro (2000) mostram que os adolescentes e jovens sempre estiveram presentes nos bancos escolares da EJA e nos programas de alfabetização. Paiva e Sales (2013) contribuem neste sentido ao expor que tal presença sempre existiu pela ausência da escola básica para todos. A presença dos alunos jovens na EJA, de certa forma, sinaliza a existência de elementos geradores de demandas que afetam a migração de estudantes do “ensino regular”¹ para a EJA, movimento presente nas dinâmicas de escolarização das camadas populares Libâneo (2012). Muitos fatores influenciam essa dinâmica, principalmente, a profunda marca da desigualdade existente no contexto social e educacional brasileiro.

Nesse sentido, Sales e Fischman (2019, p. 1137)) elencam problemas, fragilidades e desafios enfrentados pela EJA no país:

A realidade educacional da EJA no Brasil é triste, insegura e gera angústia – resultado de uma longa história de des/encontros pedagógicos e políticos (SALES, 2019). Na segunda década do século XXI o campo da EJA atravessa um contexto de grandes dificuldades com recortes orçamentários, diminuição de serviços, falta de consensos sobre o que fazer nos acirrados debates cheios de posições ideologicamente férreas sobre o papel da educação na formação cidadã e laboral, e questões sobre sexualidade, religiosidade, democracia e justiça social. Nesse contexto parece que a educação, em geral, e a EJA, em particular, seria uma tarefa se não impossível, sem dúvida de um nível de dificuldade muito alto [...]

¹ A expressão “Ensino Regular” aparece entre aspas no texto para demarcar que não há nada de irregular na EJA, em oposição à visão de que o que se convencionou chamar de “ensino regular” é o sistema voltado para as crianças e jovens na “idade certa”. Destacamos que a EJA é uma modalidade de ensino que pode ser regularmente ofertada e está prevista na legislação vigente com características e dinâmicas próprias e, portanto, dentro da regularidade .

Especificamente sobre a presença de jovens na EJA, os estudos no campo apresentam diferentes visões e concepções, ganhando força e visibilidade no cenário educacional, principalmente pós promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/1996) e também na primeira década dos anos 2000, como indicam o Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA (2008), além de outros estudos do campo da EJA (Di Pierro, 2005; Carrano e Ferreira, 2003; Paiva e Sales, 2014), bem como o Parecer CNE/CEB 11/2000.

Vale ressaltar que muitos estudos já indicavam a presença de jovens em turmas do ensino noturno, em classes de alfabetização e nas diversas maneiras como a EJA era organizada no país em anos anteriores à década de 1990 (Beisiegel, 1974; Machado, 2000; Haddad e Di Pierro, 2000). Entretanto, tratamos nesta pesquisa sobre grandes quantitativos de jovens que acessam a EJA num período onde existem garantias legais de oferta da Educação Básica aos sujeitos, ou seja, em um contexto de universalização do Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, Julião e Ferreira (2018, p. 8) indicam um processo de mudança no perfil dos sujeitos demandantes na modalidade, ao indicar que:

[...] os avanços legais não corresponderam efetivamente em conquistas na consolidação da política de EJA. Além da redução de matrículas, discute-se hoje a qualidade do ensino ofertado no país, assim como mudanças no perfil dos sujeitos demandantes. Cresce o número de jovens que tiveram acesso ao ensino regular na idade certa, mas não tiveram sucesso e foram transferidos para EJA para concluir a sua formação na educação básica na modalidade.

Compartilhamos com a concepção que a EJA é constituída, historicamente, por um público plural, heterogêneo, tendo como uma de suas principais características a diversidade de seus sujeitos. Nesse sentido, enfatizamos nosso entendimento de que os jovens e as juventudes fazem parte do “público-alvo” que compõe a modalidade.

No entanto, neste artigo tratamos sobre o aumento de jovens, cada vez mais jovens, nas turmas da EJA e, de forma mais específica, deste aumento nos anos

finais do ensino fundamental da EJA, na rede pública municipal de Angra dos Reis. Com base em dados do banco da pesquisa “Perfil da EJA”², referentes a composição etária nos anos de 2014, 2016 e 2018, foi possível concluir que mais de 70% dos estudantes matriculados são da faixa etária entre 15 a 29 anos. Ao longo do período observado, a taxa média entre 70% e 75% se mantém, sinalizando qual o público tem acessado, majoritariamente, a modalidade. A tendência de maioria quantitativa de discentes com faixa etária entre 15 e 29 anos se consolida, sendo, portanto, uma das características da EJA angrése.

No primeiro semestre de 2018³ havia 1.536 estudantes matriculados na EJA de Angra dos Reis, dos quais a maioria (44 %) estavam tem faixa etária entre 15 a 18 anos. Nesse grupo etário, 61% são do sexo masculino. No que tange ao pertencimento étnico-racial, os estudantes se autodeclaram, majoritariamente, pardos (46%), seguido da categoria branco (37%).

Um elemento chave é a divisão das faixas etárias entre os anos iniciais e anos finais do ensino fundamental (EJA) dentro do conjunto etário de 15 a 29 anos. O quantitativo de matrículas de estudantes jovens entre 15 e 18 anos é muito maior nas turmas dos anos finais do ensino fundamental. No primeiro semestre de 2018, o quantitativo de matrículas de jovens entre 15 a 18 anos foi 1.350% maior nas turmas dos anos finais, sendo 45 matrículas nos anos iniciais e 605 nos anos finais.

No cerne dessa discussão, o presente artigo⁴ apresenta e discute dados relacionados ao perfil dos jovens e os olhares de gestores e pedagogos sobre o

² Pesquisa Perfil da EJA foi realizada pela coordenação de EJA da Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis, mas foi descontinuada. Os dados da Pesquisa estão disponíveis através da plataforma “SectOnline” para todos os profissionais da Rede Municipal com acesso ao sistema através de senhas individualizadas. Site: <https://educacao.angra.rj.gov.br/>

³ A utilização dos dados referentes ao ano 2018 justifica-se por duas questões importantes: i) por ser o primeiro período após implementação da Resolução nº 03 de 2017, que cria os Polos de EJA na rede municipal; ii) pela possibilidade da utilização de dados qualitativos e respostas dos estudantes da EJA, presentes na Pesquisa “Perfil EJA”, aplicada aos discentes no primeiro semestre de 2018.

⁴ Pesquisa desenvolvida para Tese de Doutorado de Marcelo Laranjeira Duarte, sob a orientação de Sandra Regina Sales no Programa de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares,

contexto dos jovens na EJA angréense. Em linha gerais, o texto apresenta o debate sobre a interseção juventudes e escola, tendo como foco a presença de jovens na EJA na rede pública Municipal de Ensino de Angra dos Reis.

Para a realização da investigação e compreensão do contexto investigado, os seguintes procedimentos foram fundamentais: levantamento bibliográfico sobre o campo da EJA; análise de dados estatísticos sobre o município e sobre a rede pública municipal e realização entrevistas com gestores (direção e direção adjunta) e pedagogos dos polos pedagógicos regionais da rede municipal de Angra dos Reis, que denominamos equipe técnico-pedagógica de EJA da rede pública Municipal.

Neste artigo, o foco está em apresentar e discutir dados e achados relacionados ao perfil dos jovens da EJA e os olhares de gestores e pedagogos sobre o contexto dos jovens na EJA angréense. É importante ressaltar que a escolha por entrevistar gestores e pedagogos visou compreender como os processos se desenvolvem nos Polos de EJA, pelos olhares dos sujeitos que estão na linha de frente nesses espaços e nas unidades escolares.

As entrevistas foram realizadas tendo por base o suporte metodológico de Minayo e Costa (2018, p. 141), que apresentam aspectos importantes na realização de entrevistas semiestruturadas. Segundo esses autores,

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação.

Ainda de acordo com os autores (p. 142), a ferramenta entrevista semiestruturada “combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado [...]”. Nesse sentido, a utilização dessa técnica

intitulada “É COMO SE A SALA FOSSE PARTIDA”: o lugar dos jovens da EJA na perspectiva da equipe técnico-pedagógica do município de Angra dos Reis.

proporcionou maior “flexibilidade” durante o diálogo desenvolvido com os sujeitos entrevistados.

O processo de categorização e análise dos dados levantados nas entrevistas seguiram a perspectiva qualitativa, embasada nos procedimentos apontados por Bogdan e Biklen (1994, p.134):

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Assim, no primeiro momento realizamos transcrição das entrevistas; o segundo passo foi separar o bloco de respostas de cada entrevistado e organizar por unidade escolar de EJA. Após a junção dos relatos por unidades escolares, realizamos nova leitura de cada questão respondida, buscando os principais elementos presentes nos relatos. Com base nas falas dos sujeitos, encontramos temáticas que se aproximavam, permitindo o agrupamento por categorias. Essas categorias foram construídas tendo como base as próprias respostas dos entrevistados e os objetivos da pesquisa.

Quanto à sua organização o presente artigo contém três seções, além desta introdução e das considerações finais. Assim, na seção **Nossos interlocutores: equipes gestoras das escolas de EJA em Angra dos Reis** apresentamos um breve perfil dos sujeitos entrevistados; na seção **Perspectivas das equipes gestoras das escolas de Angra dos Reis sobre a presença dos jovens na EJA** tratamos sobre os motivos, desde a percepção dos entrevistados, para a presença dos jovens na EJA angrense; e na seção **Concepções sobre a Educação de Jovens e Adultos: Paradoxo entre “lugar de desenvolvimento acadêmico e pessoal” e “adaptação do diurno”** analisamos as perspectivas sobre a EJA em relação à presença dos jovens na modalidade de integrantes das equipes diretivas das escolas que ofertam EJA no município de Angra dos Reis.

Nossos interlocutores: equipes gestoras das escolas de EJA em Angra dos Reis

A realização de entrevistas semiestruturadas com gestores e membros das Equipes gestoras que atuam nos polos regionais de EJA, na Rede Municipal de Ensino de Angra dos Reis visou compreender como os processos se desenvolvem nos Polos Regionais de EJA pelos olhares dos sujeitos que estão na linha de frente nesses espaços e nas unidades escolares. Essa estratégia assumiu significativa relevância no desenvolvimento da investigação, possibilitando coleta, reflexão e problematização de elementos presentes na realidade da modalidade e do funcionamento do sistema público de ensino angrense.

Na Rede Municipal há quatro polos regionais de EJA conforme a Resolução SECT nº 003 de 2017 que altera a organização e oferta de vagas da modalidade em unidades escolares, formando polos pedagógicos regionais de EJA, e determina o agrupamento de unidades escolares por região territorial. Acrescentamos aqui que, inicialmente a Resolução SECT nº 003 de 2017 organizou o funcionamento da EJA em quatro Polos Pedagógicos Regionais, conforme Art. 2º. No entanto, por questões relacionadas às demandas por vagas e pressões populares que não concordavam com o fechamento das unidades de EJA nos bairros, duas unidades escolares foram autorizadas a ofertar a modalidade, atuando como extensão dos polos pedagógicos regionais. Isso posto, havia, nos anos de 2017 e 2018, seis unidades escolares ofertando o ensino na modalidade EJA, sendo quatro polos pedagógicos regionais e duas unidades escolares.

No que tange ao quantitativo de sujeitos entrevistados, inicialmente trabalhamos com a possibilidade de dialogar com oito profissionais, sendo quatro gestores e quatro pedagogos que atuam nos polos pedagógicos regionais. Chegamos ao número de oito participantes considerando duas variáveis. A primeira delas é o apontamento do número de polos pedagógicos regionais – quatro – definido pela Resolução SECT nº 003 de 2017 e a segunda foi a necessidade de excluir duas unidades escolares, processo que se deu por duas questões: uma delas foi o fechamento de uma das unidades e remanejamento da

equipe de profissionais para o “ensino regular” e, a outra escola, foi retirada da investigação considerando a atuação de um dos pesquisadores como pedagogo na EJA dessa unidade.

Dessa forma, buscamos realizar oito entrevistas, ou seja, duas por polo, sendo uma com Diretor Geral ou Diretor Adjunto e a outra com o pedagogo. Dos oito profissionais selecionados para a pesquisa, sete concordaram em participar. Aos entrevistados informamos os objetivos da investigação e solicitamos autorização para gravação e uso das respostas através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cabe destacar que no desenvolver das entrevistas e organização dos dados optamos por preservar o sigilo dos profissionais que participaram do processo. Por essa razão, trocamos o nome de cada profissional (gestão ou membro da equipe pedagógica) pelo termo “Sujeito-1” ou “Sujeito-2”, acompanhado do polo de atuação. No caso dos polos pedagógicos regionais de EJA, para manter o sigilo dos envolvidos, optamos por organizá-los em ordem alfabética, sem seguir nenhum critério ligado aos aspectos territoriais ou pedagógicos, tão somente utilizando as letras: A, B, C e D. Dessa forma, os entrevistados são apresentados conforme Quadro 1:

Quadro 1 – Apresentação dos entrevistados

Gestor ou membro da Equipe Técnico Pedagógica	Polo Pedagógico Regional de EJA	Como será identificado/apresentado
Entrevista 1	Polo – A	Sujeito-1/Polo-A
Entrevista 2	Polo – A	Sujeito-2/Polo-A
Entrevista 3	Polo – B	Sujeito-1/Polo-B
Entrevista 4	Polo – B	Sujeito-2/Polo-B
Entrevista 5	Polo – C	Sujeito-1/Polo-C
Entrevista 6	Polo – D	Sujeito-1/Polo-D
Entrevista 7	Polo – D	Sujeito-2/Polo-D

Fonte: Os autores, 2023.

Para traçar o perfil dos respondentes, perguntamos sobre função, polo de atuação, sexo, tempo de experiência na EJA e formação específica para atuar na EJA. Ao analisar os dados já consolidados, identificamos como perfil dos respondentes o que segue no Quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

Participantes	Gestor		Pedagogo		Total
	4		3		7
Sexo	Feminino			Masculino	
	6			1	
Formação em EJA	Sim		Não		Não respondeu
	2		4		1
Tempo de experiência na EJA	0 a 5 anos	6 a 10 anos		11 a 20 anos	Mais de 20 anos
	3	1		1	2

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Conforme dados acima, do conjunto dos respondentes a maioria é do sexo feminino, sem formação específica na área da EJA, embora, tenham indica participação em cursos de formação continuada que a rede municipal oferece. Sobre a questão do tempo de experiência na EJA, o grupo se mostrou heterogêneo, apresentando percursos variados de acordo com cada profissional. Outro ponto que merece destaque é o fato que esses profissionais atuam na EJA e no “ensino regular”. Essa questão é importante, pois possibilita aos respondentes maior visibilidade sobre as dinâmicas de escolarização dos estudantes em especial na “transição” dos estudantes para a EJA.

Perspectivas das equipes gestoras das escolas de Angra dos Reis sobre a presença dos jovens na EJA

A opção por interrogar gestores e pedagogos dos polos de EJA, sobre a questão dos jovens na modalidade, considerou dois aspectos importantes: a experiência e vivência de tais sujeitos frente ao trabalho na EJA da rede Municipal de Angra dos Reis e a possibilidade de encontrar elementos e processos, através das respostas desses sujeitos, que permitissem maior compreensão acerca dos contextos escolares vivenciados pelos jovens da EJA.

Através da análise das entrevistas foi possível evidenciar que o fator etário nem sempre é determinante na ida do estudante para a modalidade, o que ficou nítido quando perguntamos sobre a existência de critérios para matrícula na EJA. As respostas indicaram, predominantemente, a não existência de critérios específicos. Com isso, foi possível perceber que não há diretriz ou orientações específicas da Secretaria de Educação para a migração dos jovens, com mais de quinze anos, para turmas de EJA. Um dos relatos corrobora com esse achado, pois indica que muitos estudantes ficam retidos no mesmo ano de escolaridade: “Eles vão ficando, vão ficando em um ano de escolaridade, vão ficando... acabam repetindo ali, depois acabam indo para a EJA” (Sujeito-1/Polo-A).

A ideia de “*Eles vão ficando...*” para além de culpabilizar o próprio educando pelas dificuldades e desigualdades presentes em sua trajetória escolar, também sinaliza a ausência de ações político-pedagógicas da instituição, nesse caso, no “ensino regular”, criando, assim, caminho para migração desses estudantes para a EJA. Nesta perspectiva, a modalidade funcionaria como uma espécie de “válvula de escape” do “ensino regular”.

Ferreira (2019, p. 30) descreve esse quadro da seguinte forma:

Provavelmente, portanto, os repetentes, os sobrantes, os excedentes das políticas de correção de fluxo escolar não são mais sumariamente eliminados em massa da escola. Com uma trajetória recheada de muitas repetências e de abandonos ocasionais, aqueles que antes ficavam de fora da escola hoje se mantêm em suas margens. Os jovens em situação de defasagem escolar não saem mais da escola. Eles passam a frequentar a EJA.

Ao levantar ações e políticas educacionais voltadas aos jovens do Ensino Fundamental no “ensino regular” diurno, encontramos, basicamente, que não foram realizadas ações e/ou políticas específicas destinadas ao público jovem, principalmente no segundo segmento do Ensino Fundamental. Nas entrevistas foi possível perceber a descontinuidade de ações⁵ desenvolvidas por outras gestões da secretaria municipal de educação sobre a problemática da distorção série-idade. Foi possível perceber também tentativas de “incentivo” às unidades escolares para desenvolvimento de ações, desde que sem a contrapartida do poder público, pois os entrevistados indicam certa autonomia das unidades escolares para realizar trabalhos pedagógicos diferenciados, mas sem possibilidade de maiores investimentos e suportes no tocante a aporte financeiro, de formação dos professores, infraestrutura e recursos humanos.

Neste sentido, pontuamos que a ausência de políticas, projetos e ações que tenham como foco a resolução de situações como altos índices de retenção e distorção idade ano de escolaridade, como citada por Teixeira (2019), em uma rede de ensino que apresenta resultados muito aquém dos ideais, de certa maneira, potencializa a EJA como alternativa de escolarização para sujeitos que se encontram nessas situações.

Sobre os processos e elementos que contribuem para a presença do público com perfil cada vez mais jovem nas turmas de EJA da rede pública municipal, os entrevistados destacam a existência de vulnerabilidades e fragilidades nos processos de escolarização. Com o estudo foi possível identificar fatores que influenciam e/ou direcionam a migração de estudantes jovens do “ensino regular” para a EJA, sendo os principais: situações de retenções, evasão, infrequência; distorção série-idade; indisciplina no chamado “ensino regular”. A junção desses pontos, de certa maneira, sinaliza os muitos desafios presentes na escola e ao

⁵ Entre os anos de 2013 até 2016 existiam ações voltadas aos estudantes em situação de distorção série-idade. Tais projetos eram desenvolvidos pelas Unidades Escolares, tendo apoio e suporte da Secretaria Municipal de Educação.

conjunto de profissionais que nela atuam e, de certa forma, expõe as desigualdades e fragilidades do sistema público de ensino.

Merece destaque a questão da indisciplina no ambiente escolar, no “ensino regular”, pois constatamos que o fator indisciplina é um diferencial para que o estudante se mantenha ou seja transferido do “ensino regular” para a EJA (“convidado a migrar”). Em outras palavras, são os estudantes mais indisciplinados, que geram mais desgastes no “ensino regular”, que acabam migrando para a EJA.

Tal contexto se potencializa pela ausência de programas e políticas públicas voltadas aos jovens; ausência de ações específicas com estudantes em situação de distorção série-idade; altos índices de retenção nos primeiros anos (6º e 7º) do segundo segmento do “ensino regular” diurno; processos excludentes e desiguais no âmbito social e escolar; além de pressões relacionadas aos jovens das camadas populares, tais como a necessidade de trabalhar e complementar a renda familiar, maior busca por autonomia, inserção no mundo do trabalho, entre outras.

Cabe destacar, ainda, que segundo os sujeitos entrevistados, os discentes jovens na EJA têm facilidade nos quesitos de aprendizagem e aproveitamento, se comparados aos estudantes de idade mais avançada, corroborando o entendimento que os estudantes na faixa etária de 15 a 18 anos conseguem avançar nos percursos escolares sem grandes dificuldades. Contudo, acompanhada da percepção sobre a facilidade na questão da aprendizagem emerge a questão da indisciplina no ambiente escolar, que é colocada como um grande desafio diante do cenário da EJA.

Concepções sobre a Educação de Jovens e Adultos: Paradoxo entre “lugar de desenvolvimento acadêmico e pessoal” e “adaptação do diurno”

Através das falas e posicionamentos dos educadores que participaram da pesquisa, identificamos diferentes concepções sobre a EJA em relação à presença dos jovens na modalidade. Foi possível perceber que a modalidade tem sido vista

por diferentes enfoques, aparecendo como “*importante e necessária*” para alguns profissionais, e tendo “*diferentes sentidos*” de acordo com público que a acessa. Além disso, de forma geral, os entrevistados indicaram a necessidade de oferta e ampliação de vagas, na rede municipal, considerando a demanda existente. O quadro 3 apresenta as “Concepções de EJA”.

Quadro 3 – Concepções dos gestores e equipe técnico pedagógica sobre a EJA

Categoria de Análise: Concepções dos gestores e equipe técnico pedagógica sobre a EJA		
Subcategorias	Sujeitos	Exemplos
“Modalidade Importante”	Sujeito – 1 Polo – A	Modalidade muito importante para formação de jovens e adultos que estão em defasagem idade escolaridade e não puderam terminar os estudos enquanto jovem.
	Sujeito – 1 Polo – D	A EJA é algo necessário e fundamental, visto que muitas pessoas, por um motivo ou por outro, não conseguem concluir os seus estudos no período correto.
“Múltiplos Significados”	Sujeito – 2 Polo – B	A EJA, atualmente, representa muito mais do que um espaço de educação formal para jovens, adultos e idosos. Ela tem um sentido muito específico para cada público pela diversidade do público que atende, que para muitos ela significa uma única saída, uma única forma de conciliar educação e trabalho, já para outros significa um espaço de socialização e convivência, e para outros uma forma de alcançar objetivos profissionais e ascensão no mercado de trabalho.
	Sujeito – 1 Polo – C	[...]eu vejo como uma potencialidade, possibilidades diversas.
“Oportunidade de desenvolvimento pessoal e acadêmico”	Sujeito – 2 Polo – A	“(A Educação de Jovens e Adultos) oportuniza o acesso do aluno ao ambiente escolar. Muitos porque não tiveram sucesso, por diversos fatores. Chegam na escola querendo esse apoio, esse incentivo para estudar, para ter uma promoção no emprego ou melhorar sua situação e sonhar com algo melhor. Então a escola, a EJA, oportuniza este acesso aos

		alunos.”
	Sujeito – 2 Polo – D	“[...] a gente trabalha nos Anos Iniciais, desde a primeira etapa, e a gente vê uma transformação muito grande desses alunos, principalmente os adultos. Uma mudança de atitude, de postura, de confiança, de autonomia muito importante. Eu considero que é uma modalidade que faz muita diferença para esse público.”
“Desafio(s)”	Sujeito – 1 Polo – D	“[...] como toda educação neste país, eu acho que falta investimento na EJA. Investimento específico para a EJA, para formação de professores, material adequado, é... uma realidade que seja compatível com os alunos que a gente tem. É, para mim ainda existe uma adaptação que não é muito bem-feita daquilo que é realizado no diurno, que a gente adapta para o noturno. Então, eu acho que ainda falta uma política que seja voltada exclusivamente para a Educação de Jovens e Adultos.”
	Sujeito – 1 Polo – A	“Esta modalidade hoje não é vista como prioridade do município o que para mim é uma questão muito grave, até pela questão de alunos que a EJA não atende. Eles acabam entrando na escola e indo embora sem que a gente dê o necessário atendimento para conclusão do Ensino Fundamental. Sobre a estrutura física, é o que sobra do diurno... Então eu vejo que hoje a gente não tem um plano específico para o atendimento dos alunos dessa diversidade, da questão toda que envolve os alunos da noite, principalmente em relação a trabalho, em relação à biblioteca, ter espaços abertos à noite para eles... Então, vai muito nessa linha, não tendo uma educação pensada para eles [...]”.
	Sujeito – 1 Polo – C	“Bem, entre os aspectos da modalidade da EJA no município de Angra dos Reis o que eu tenho visto, assim, de negativo, é o fechamento de alguns espaços escolares. Pois antigamente, até mesmo recente, o município ofertava o maior número de vagas para essa

		modalidade, tínhamos mais escolas que ofereciam a modalidade, e o que temos visto de uns três anos para cá é o fechamento dessa modalidade em algumas unidades escolares. Atualmente, nós contamos aqui no município com umas quatro ou cinco escolas que atendem essa modalidade de ensino no noturno. Então, vejo isso como um fato que está sendo negativo, pois têm muitas pessoas que querem estudar, muitas pessoas reclamando quando fecham essas unidades em seus bairros, porque eles têm de se deslocar para outros bairros [...]”
--	--	--

Fonte: Os autores, 2022.

Com base nas informações presentes no Quadro 3, foi possível perceber que os integrantes da equipe gestora apresentam diferentes posicionamentos sobre a concepção de EJA e o trabalho desenvolvido cotidianamente nos polos pedagógicos regionais. Tal observação foi fundamental na compreensão das dinâmicas, muito diversas, que cada sujeito apresentou.

Consideramos que cada polos pedagógicos regionais de EJA está inserido em um determinado contexto, apresentando variações quanto aos aspectos do bairro, transporte público, índice de violência, contexto econômico, histórico, cultural e social. Como afirma Spósito (2005, p. 92), os estudantes “trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola”, o que pode se refletir nas vivências e experiências de cada profissional/sujeito envolvido na pesquisa.

No que tange às concepções de EJA, foi possível perceber a *importância e a relevância* que os gestores e membros das equipes técnico-pedagógicas deram à modalidade. Ao longo de cada uma das falas sempre tiveram o cuidado de enfatizar a importância da oferta de vagas e necessidade de ampliação devido à demanda existente.

Nesse sentido, de acordo com um dos entrevistados, a EJA seria uma

Modalidade muito importante para formação de jovens e adultos que estão em defasagem idade/escolaridade e não puderam terminar os estudos enquanto jovem. E é um trabalho que vai além só da questão da instrução... uma formação para a cidadania, que para mim tem uma demanda muito grande. Uma demanda reprimida, e a gente não acessa os alunos que realmente precisam da modalidade. (Sujeito – 1/Polo – A).

Ainda na perspectiva da compreensão da EJA como sendo “muito importante”, um outro entrevistado respondeu:

É necessária! É importante em diversos aspectos, não só na área técnica, mas, apesar de serem adultos, muitos são jovens, já deveriam estar formados. Mas... a gente trabalha nos anos iniciais, desde a primeira etapa e a gente vê uma transformação muito grande desses alunos, principalmente os adultos. Uma mudança de atitude, de postura, de confiança, de autonomia muito importante. Eu considero que é uma modalidade que faz muita diferença para esse público.” (Sujeito – 2/Polo – D)

Com base nas respostas, duas questões ficam explícitas. A primeira, está no entendimento e reconhecimento da importância da EJA enquanto modalidade da Educação Básica. A segunda questão que chama a atenção está na percepção, por parte dos entrevistados, de uma demanda existente que não consegue acessar ou dar prosseguimento aos estudos, mesmo na modalidade EJA.

Esse fato sinaliza limitações no/do sistema escolar, dificuldades encontradas pelos educandos e a existência de quantitativo de sujeitos que ainda não concluíram o ensino fundamental no Município de Angra dos Reis⁶. De acordo com o Sujeito-1/Polo-D: “A EJA é algo necessário e fundamental, visto que muitas pessoas por um motivo ou por outro não conseguem concluir os seus estudos no período correto”.

Em geral, os relatos dos entrevistados apontam para a grande relevância da EJA. Destacam a importância na mudança de vida e de postura dos educandos, a necessidade de ampliação de oferta na rede de Angra e reforçam a presença de

⁶ Estudos de Fernandes (2017) apresentam dados sobre a demanda de sujeitos, da Região da Costa Verde, que não concluíram o Ensino Fundamental.

perfis distintos nos bancos escolares. No entanto, falas tais como: “alunos que realmente precisam”, “já deveriam estar formados” e “período correto”, não deixam de estar presentes nos discursos analisados, algo que, de certa maneira, deixa de considerar a perspectiva da educação ao longo da vida e possibilidades de aprender em diversos momentos do ciclo vital.

Sobre os jovens que têm chegado à EJA, destacamos que suas vidas e seus processos escolares são marcados e impactados pela profunda desigualdade social e racial presentes na sociedade brasileira. Nesse sentido, concordamos com Andrade (2004, p.50) quando afirma:

Eles têm em comum o fato de carregarem a marca da pobreza e de, exatamente por esse motivo, não terem a possibilidade de realizar uma trajetória educativa tradicionalmente considerada satisfatória. São jovens que, por uma série de motivos, precisaram abandonar a escola; vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um "incansável" número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como o próprio para a vida escolar.

Sobre a perspectiva da EJA enquanto *possibilidade de desenvolvimento* pessoal e acadêmica dos educandos, gestores e pedagogos frisaram que os estudantes, em geral, entram de uma forma e saem de outra maneira totalmente modificada. Nesse sentido, mostram que a EJA procura desenvolver os sujeitos de forma integral, ou seja, em aspectos educacionais, sociais, nas relações com o outro, situações do mundo do trabalho e, ainda, em aspectos tais como autoimagem e melhor aceitação, principalmente no caso de estudantes que iniciam nas turmas de alfabetização e desenvolvem o conhecimento sobre situações de leitura e escrita. O entrevistado (Sujeito -2/Polo - A) diz:

A EJA [...] oportuniza o acesso do aluno ao ambiente escolar. Muitos por que não tiveram sucesso, por diversos fatores. Chegam na escola querendo esse apoio, esse incentivo para estudar, para ter uma promoção no emprego ou melhorar sua situação e sonhar com algo melhor. Então a escola né, a EJA oportuniza esse acesso aos alunos. E a escola, tem de estar aberta, e ser maleável, bem aberta em atender esses alunos em suas diversas dificuldades, tanto em questões de trabalho, esse receio, esse medo de estar na escola por ter passado por diversas situações no ensino diurno, porque muitos, por diversos

fatores saem da escola porque acham que não consegue. Então, tanto o professor como a equipe precisam trabalhar com esse aluno com um diálogo aberto para com eles [...].

O relato que segue complementa essa concepção, mostrando como o trabalho realizado na EJA pode ser um diferencial na trajetória dos sujeitos. Segundo o “Sujeito-2/Polo-D”: “[...] a gente trabalha nos anos iniciais, desde a primeira etapa, e a gente vê uma transformação muito grande desses alunos, principalmente os adultos. Uma mudança de atitude, de postura, de confiança, de autonomia, muito importante. Eu considero que é uma modalidade que faz muita diferença para esse público.”

A entrevista do “Sujeito-1/Polo-C” ratifica essa concepção, sinalizando sobre a EJA, que:

Essa modalidade de ensino na verdade, antigamente conhecida como supletivo, era para atender aquele público que antes estava fora da escola por muito tempo ou não tinha concluído o Ensino Fundamental, ou também para atender aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo e atingiram certa idade sem ter concluído o Ensino Fundamental. Então, eu acho que a EJA vem nesse sentido, de dar oportunidade a essas pessoas. Hoje, o contexto está um pouco mudado, porque hoje a gente está vendo a EJA como possibilidade até mesmo para aqueles meninos com 15, 16 anos, que ainda não concluíram o ensino fundamental. Então, eu vejo como uma potencialidade, possibilidades diversas [...]

Destacamos a importância da fala acima, pois indica a EJA como potencialidade e possibilidades diversas, o que significa pensar a EJA como Paiva (2006, p. 520): a “educação de jovens e adultos assume a perspectiva de inclusão em sociedades democráticas, e que esta inclusão passa a se dar pela conquista de direitos”.

Além disso, a fala sinaliza a presença dos jovens “*meninos com 15, 16 anos*” nas turmas da EJA de ensino fundamental, o que se relaciona com a diversidade dos sujeitos que compõem a modalidade e a presença dos jovens, cada vez mais jovens. Notamos que a questão da diversidade do público que compõe a EJA, de certa maneira, afeta a visão dos entrevistados, pois de acordo com os diferentes perfis de estudantes altera-se também o sentido que a escola pode representar

para esses, nesse caso, gestores e pedagogos situaram essa dinâmica mostrando que a EJA pode representar sentidos muito diferentes de acordo com o conjunto de educandos.

Assim, apontaram que discentes com idades entre 15 e 18 anos, em geral oriundos do “ensino regular” diurno, buscam um determinado objetivo na modalidade. Já os estudantes na fase adulta, ainda segundo gestores e pedagogos, apresentam outro tipo de relação com a escola. E, para o público com maior idade, geralmente acima de 60 anos, o sentido da escola torna-se totalmente diferente dos grupos anteriores. O relato abaixo sintetiza essa percepção:

A EJA, atualmente, representa muito mais do que um espaço de educação formal para jovens, adultos e idosos. Ela tem um sentido muito específico para cada público, pela diversidade do público que atende, que para muitos ela significa uma única saída, uma única forma de conciliar educação e trabalho, já para outros significa um espaço de socialização e convivência, e para outros uma forma de alcançar objetivos profissionais e ascensão no mercado de trabalho. Então, apesar das dificuldades que a modalidade enfrenta no país, ela ainda é um meio de inserção dessas pessoas no mercado de trabalho, de socialização, de aprendizado, de construção de relações sociais, então assim: tem múltiplos significados. (Sujeito 2/Polo-B).

Nesse sentido, a concepção de EJA como *múltiplos significados* oportuniza o reconhecimento da heterogeneidade dos sujeitos que compõem este cenário diverso e cheio de potencialidades. Reconhecer a presença de diferentes perfis no ambiente escolar da/na modalidade pode contribuir com o diálogo e desenvolvimento de uma escola inclusiva e plural, favorecendo a construção de pontes entre diferentes realidades que se esbarram, cotidianamente, em corredores, pátio e salas de aula das instituições, como destaca um dos participantes da pesquisa:

Na escola em que atuo a equipe pedagógica e diretiva busca sempre desenvolver projetos com objetivo de discutir com os alunos as questões da diversidade cultural, da desigualdade, da diversidade de gênero, a questão da africanidade. E essas questões, esses projetos que a gente trabalha é sempre no sentido de estar atualizando o aluno e nos atualizando também em relação as transformações sociais, as transformações que a sociedade está vivendo rotineiramente e muito rápido, e a gente tem que estar se atualizando

também com essa preocupação. Estar trabalhando isso, para que a escola esteja sempre viva, frequente na sociedade. Para que ela não se torne uma coisa a parte e sim atuante na sociedade. (Sujeito – 1/Polo – B).

A fala do “Sujeito-1/Polo-B” indica a necessidade de a escola, como um todo, ser aberta e sensível às dinâmicas sociais e culturais, desenvolvendo em suas práticas, ou, buscando aproximar a realidade dos sujeitos ao fazer pedagógico, buscando enfrentar um dos (des)encontros muito presentes na EJA, mencionados por Sales (2019, p. 12):

Um outro (des)encontro muito comum reside no planejamento de políticas e realização de práticas que homogeneízam um grupo social diverso a partir de uma característica que passa a ser uma categoria definidora da identidade do grupo. No caso da EJA, a grande maioria dos/as estudantes, apesar de ter em comum o pertencimento à classe trabalhadora, está longe de ser homogênea, dado que a EJA recebe jovens, adultos e idosos das várias regiões do país, com diferentes capacidades, habilidades, linguagens, pertencimentos étnico-raciais, provenientes de privação e restrição de liberdade, com variadas identidades de gênero, etária, entre tantas outras marcas identitárias.

Outro ponto de grande relevância identificado na pesquisa, encontra-se na subcategoria *desafios*. Nela, reunimos informações e dados sobre desafios de diversas ordens tais como sociais, econômicas, educacionais, políticas, culturais, territoriais, entre outras, que se manifestam no cotidiano escolar e na trajetória dos educandos da EJA.

A concepção de EJA enquanto “desafios”, presente nas falas dos entrevistados, relaciona-se com uma multiplicidade de elementos e interseções da escola, o meio social e seus atravessamentos. Os desafios identificados podem ser categorizados em três questões que impactam diretamente o desenvolvimento do trabalho da gestão escolar e as práticas pedagógicas na EJA a saber: adaptação do “ensino regular”, ausência de políticas educacionais e fechamento de turmas da EJA. Os relatos abaixo apontam de maneira individual, porém complementares, tais situações. De certa forma, sinalizam para um conjunto de elementos e processos que se manifestam na EJA da rede municipal angrense, algo que não ocorre de

forma “natural”, mas, é resultado de ações ou intencionalidade política ou falta dessas. As falas indicam a percepção da equipe gestor sobre esses aspectos:

[...] como toda educação neste país, eu acho que falta investimento na EJA. Investimento específico para a EJA, para formação de professores, material adequado, é... uma realidade que seja compatível com os alunos que a gente tem. É, para mim ainda existe uma adaptação que não é muito bem-feita daquilo que é realizado no diurno, que a gente adapta para o noturno. Então, eu acho que ainda falta uma política que seja voltada exclusivamente para a Educação de Jovens e Adultos (Sujeito – 1/Polo – D).

Essa modalidade hoje não é vista como prioridade do município o que para mim é uma questão muito grave, até pela questão de alunos que a EJA não atende. Eles acabam entrando na escola e indo embora sem que a gente dê o necessário atendimento para conclusão do ensino fundamental. Sobre a estrutura física, é o que sobra do diurno... Então eu vejo que hoje a gente não tem um plano específico para o atendimento dos alunos dessa diversidade da questão toda que envolve os alunos da noite, principalmente em relação a trabalho, em relação à biblioteca, ter espaços abertos à noite para eles... Então, vai muito nessa linha, não tendo uma educação pensada para eles[...]. (Sujeito – 1/Polo – A).

Bem, entre os aspectos da modalidade da EJA no município de Angra dos Reis o que eu tenho visto, assim, de negativo, é o fechamento de alguns espaços escolares. Pois antigamente, até mesmo recente, o município ofertava o maior número de vagas para essa modalidade, tínhamos mais escolas que ofereciam a modalidade, e o que temos visto de uns três anos para cá é o fechamento dessa modalidade em algumas unidades escolares. Atualmente, nós contamos aqui no município com umas quatro ou cinco escolas que atendem essa modalidade de ensino no noturno. Então, vejo isso como um fato que está sendo negativo, pois têm muitas pessoas que querem estudar, muitas pessoas reclamando quando fecham essas unidades em seus bairros, porque eles têm de se deslocar para outros bairros [...] (Sujeito – 1/Polo – C).

Os relatos indicam aspectos sensíveis no que diz respeito à educação enquanto direito de todos e certas fragilidades na oferta e implementação da política de EJA no município. Questões como fechamento de turmas, falta de estrutura e/ou espaços durante o turno da noite, certa adaptação curricular da EJA tendo como referência o “ensino regular”, fato que desconsidera os sujeitos da modalidade, além de outras situações sinalizadas ao longo das entrevistas, indicam-nos que os desafios na modalidade são imensos e urgentes.

Considerações Finais

A investigação identificou e problematizou processos referentes à escolarização de sujeitos das camadas populares, que se desenvolvem na dinâmica da rede pública municipal de Angra dos Reis. Evidenciamos que situações excludentes e ausência de ações e políticas educacionais voltadas aos jovens, ainda no “ensino regular”, influenciam direta e/ou indiretamente a migração destes para a EJA. Assim, observamos que a demanda de público jovem, principalmente entre 15 a 18 anos, tem sido “produzida” no próprio sistema escolar.

Nesta direção, a EJA assume o papel de “possibilidade” para solucionar problemas do chamado ensino regular. Essa questão, de certa forma, desconsidera a perspectiva da educação ao longo da vida e deixa de observar a modalidade enquanto direito assegurado na legislação vigente, mas revela também a importância da modalidade na vida dos estudantes, no sentido do desenvolvimento dos sujeitos que passam pelos bancos escolares.

Sobre os estudantes da EJA, a pesquisa revelou que, por mais que as equipes gestoras tenham consciência da relevância do trabalho desenvolvido nos polos pedagógicos regionais e da diversidade dos sujeitos que acessam a modalidade, ainda assim, fica “subentendido” que existe um perfil que teria “direito” de estar naquele espaço e, um outro perfil, que não “quer” aproveitar a oportunidade de estudar e avançar nas etapas de escolarização.

Em outras palavras, percebemos, por um lado, que a presença de estudantes jovens na EJA causa certo estranhamento por parte da gestão e da equipe técnico-pedagógica da modalidade, revelando a inconcretude do direito para grande parte do público que chega à modalidade. Por outro lado, entretanto, a presença de jovens, cada vez mais jovens, na EJA demonstra seu potencial de garantir a escolarização e de educação continuada, como área fundamental à vida em sociedades contemporâneas (PAIVA, 2009).

Nesse sentido, apontamos como necessário o debate e a problematização das práticas desenvolvidas tanto na escola chamada regular, quanto na escola de

EJA, bem como a construção de ações, projetos e políticas educacionais que considerem as demandas existentes, a diversidade e especificidades dos sujeitos, as dificuldades e desigualdades no interior da escola e o fomento à diferentes vias formativas que atendam a multiplicidade dos sujeitos.

Em suma, reafirmamos a educação como direito de todos os cidadãos e a EJA como modalidade da Educação Básica que considera a diversidade e as especificidades dos sujeitos, a garantia do direito à educação independente da idade e, como diz Freire, a realização do potencial de transformação que a educação pode proporcionar aos cidadãos.

Referências

- ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; Paiva, Jane (Org.): **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BEISEGIEL, C. R. **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. São Paulo, Pioneira, 1974.
- BOGDAN, R.C.; BUKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora Porto. 1994.
- BRASIL. **LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA. Brasília.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CEB n. 11/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - **Censo Educacional**. Brasília, 2018.
- CARRANO P.; FERREIRA, M. P. Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. São Paulo: **Ação Educativa**, 2003.
- DI PIERRO, M. C. (2005). Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas de EJA no Brasil. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial, 2005.
- FERREIRA, M. P. Efeitos das políticas de correção de fluxo sobre as gerações escolares que frequentam o Ensino Médio na modalidade de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v. 16, n. 46, p. 372-403, 2019.
- HADDAD, S.; DI PIERRO M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14, mai/jun/jul/ago, 2000.

JULIÃO, E. F. A educação de jovens e adultos na região costa verde do estado do Rio de Janeiro. In: Elionaldo Fernandes Julião. (Org.). Em diálogo com a educação de jovens e adultos: questões, reflexões e perspectivas. 1ed.Uberlândia: **Navegando**, 2020, v. 1, p. 61-93.

JULIÃO, E. F.; FERREIRA, M.P. As políticas de ampliação de oportunidades educacionais no Brasil e as trajetórias escolares na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio na cidade do Rio de Janeiro. **Arquivos analíticos de políticas educativas**. Arizona State University, Vol.26, N.156, dez. 2018.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, 38(1), 13-28, 2012.

MACHADO, M. M. A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998. In: **Reunião Anual da 23ª ANPED**, 2000, Caxambu. Trabalhos apresentados. Minas Gerais: ANPED, 2000.

MINAYO, M. C. S., & COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, 40 (40). 2018.

PAIVA, J. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33, set./dez, 2006.

PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et alii: FAPERJ, 2009.

PAIVA, J; SALES, S. R. Contextos, perguntas, respostas: o que há de novo na Educação de Jovens e Adultos? **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 21, p. 1-16, 2013.

PMAR. **Resolução SECT nº 003 de 2017**.

SALES, S. R.; FISCHMAN, G. **Promessas, políticas e interrogações sobre as identidades dos sujeitos da EJA**. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 3, p. 1131-1141, set./dez. 2019. Disponível em: <http://curriculosemfronteiras.org/vol19iss3articles/sales-fischman.pdf>

SALES, S. R.; PAIVA, J. As muitas invenções da EJA. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 1, p. 1-17, 2014.

SALES, S. R. Identidades, políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos. In: SALES, S. R. (Org.). **(Des)encontros na Educação de Jovens e Adultos: identidades, políticas e práticas**. Curitiba: CRV, 2019, p. 11-20.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. São Paulo (SP): **Fundação Perseu Abramo**, 2005.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. A "fabricação" do jovem da EJA: reflexões sobre juvenilização e diversidade étnico-racial. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 40, n. 75, p. 25-42, jan./abr. 2019.

Submetido em 22/11/2023

Aprovado em 16/02/2024

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)